



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lula define estratégias contra ações de Trump

A tática reúne duas frentes: uma política, comandada pelo próprio presidente, que busca apoio global em defesa da democracia e da soberania nacional, enquanto Alckmin intensifica as articulações com os empresários em busca de acordos

» RENATA GIRALDI

Até menos de duas semanas para o prazo final do tarifaço de 50% sobre os produtos nacionais, estabelecido pelo governo Donald Trump, dos Estados Unidos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva está em Santiago, no Chile, para intensificar a articulação global em torno da defesa da democracia e da preservação da soberania, enquanto o presidente em exercício e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, reforça as conversas com os empresários.

O governo definiu uma estratégia bem clara para reagir à pressão de Trump. Na corrida contra o relógio, Lula e Alckmin vão evitar falar no ex-presidente Jair Bolsonaro e na família dele. A resposta padrão será que se trata de um assunto do Judiciário, mais precisamente do Supremo Tribunal Federal (STF). Assim há um evidente esforço de afastar a trama política da diplomática, econômica e comercial. Tanto o presidente da República quanto o vice-presidente vão focar nas negociações e nos eventuais avanços que poderão vir.

São duas frentes de batalha para impedir os possíveis prejuízos na economia brasileira, atingindo os mais diversos setores. Em Santiago, Lula participa da Cúpula de Alto Nível chamada de Democracia Sempre com as presenças dos presidentes chileno, Gabriel Boric Font; do Uruguai, Yamandú Orsi; e da Colômbia, Gustavo Petro, além do primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, a partir desta semana. Um comunicado prévio foi rascunhado pelo grupo.

No texto, os líderes ressaltam o momento desafiador de proteger a democracia em meio aos ataques de governos autoritários. O nome

Ricardo Stuckert/PR



Lula embarcou para o Chile, para fazer a articulação política, enquanto Alckmin segue coordenando as negociações para impedir a taxaço

de Trump não é citado, mas nem precisa, pois o documento reitera a preocupação com o "retrocesso nos direitos fundamentais", assim como a disseminação de desinformação e os discursos de ódio, além das redes criminosas, que ocupam o universo on-line.

O rascunho ressalta que as democracias só se mantêm quando

construídas conjuntamente, sendo capazes do fortalecimento da coesão social. No texto, os líderes ratificam que o sistema democrático pode se fragilizar, caso não seja cuidado e mantido. Daí a importância das estratégias em favor do multilateralismo, do desenvolvimento sustentável, da justiça social e dos direitos humanos.

Esforço coletivo

Lula, ao lado de Sánchez, da Espanha; Boric, o anfitrião do encontro em Santiago; Yamandú Orsi, do Uruguai; e Petro, da Colômbia, farão uma declaração conjunta hoje no fim do dia. A ideia é ressaltar a importância do respeito à soberania de cada país, da autonomia das

nações e, sobretudo, da grande nação latina. O primeiro-ministro é o símbolo da voz crítica ao governo Trump e uma voz diferenciada na União Europeia.

Determinado a apoiar as tratativas, como do Brasil, do México, do Canadá, da China e da própria União Europeia, Sánchez terá reuniões fechadas com Lula, Boric,



Sabemos também que defender a democracia exige que sejamos capazes de condenar tendências autoritárias e, ao mesmo tempo, falar positivamente, propondo reformas estruturais para combater a desigualdade "

Carta Democracia Sempre

Orsi e Petro. A ideia é articular o esforço comum de fortalecimento coletivo para o enfrentamento da pressão e reação. Exatamente como o escrito no rascunho do documento final, os líderes defenderam a democracia como única alternativa política e sua manutenção ao empenho coletivo.

Do Chile, Sánchez viaja para Montevidéu, no Uruguai, e depois para Assunção, no Paraguai. O primeiro-ministro tem reuniões com empresários e encontro com a senadora Lucía Topolansky, viúva do ex-presidente Pepe Mujica, ícone da esquerda e representante da defesa da democracia. Nos dois países, ele falará com a imprensa local. A disposição é reiterar a necessidade de proteção dos sistemas democráticos em meio à pressão das forças autoritárias que atentam contra os direitos humanos e podem levar o mundo a um retrocesso.

Canadá, México e China reagem à pressão dos EUA

A política baseada no discurso agressivo e ofensivo é a marca do governo Donald Trump que, a exemplo do Brasil, encaminhou comunicados informando sobre aumento de taxas a mais de 60 países. Mas em nenhum caso chegou aos 50%, como o que ocorreu com os produtos brasileiros. Apenas Mianmar e Laos chegaram perto, recebendo 40% de sobretaxa. Especialistas afirmam que essa é a base da proteção da indústria norte-americana denominada "America First". Porém, o Canadá, a China e o México resolveram liderar o movimento para tentar reverter as medidas.

Ao ser informado sobre a taxa de 25% nas exportações canadenses fora do Acordo Estados Unidos-México-Canadá (Usmca, na sigla em inglês) e 10% sobre produtos energéticos, o governo do Canadá reagiu. O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, afirmou que o país iria impor tarifas de 25% sobre US\$ 155 bilhões em produtos dos EUA. Inicialmente, ele enfrentou o norte-americano, depois, recuou e agora não há a anunciada cobrança de tarifaço.

Já o México, recebeu o comunicado de que aumento de 25%

Julio Cesar AGUILAR / AFP



A presidente Claudia Sheinbaum negociou e conseguiu derrubar a elevação das tarifas contra o México

sobre as importações por parte dos Estados Unidos. A presidente Claudia Sheinbaum negociou intensamente para derrubar a elevação das tarifas. Ela optou pelo diálogo e muita articulação. A tática funcionou e o aumento não se concretizou. Segundo

Trump, o motivo para a imposição de tarifas seria o grande fluxo de tráfico de drogas que tem chegado aos Estados Unidos via Canadá e México.

No caso da China, principal exportador mundial ao lado dos Estados Unidos, Trump impôs taxas de

20% a 34% em produtos específicos. Os chineses resolveram adotar medidas recíprocas, definindo novas taxas de 10% a 15% sobre as exportações agrícolas, e ainda anunciaram novas restrições de exportação e investimento a 25 empresas norte-americanas. (RG)

Lula reposta mensagem

» ALINE GOUVEIA

Em meio à crise com os Estados Unidos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva repostou, ontem, um trecho do pronunciamento à nação que ele fez na quinta-feira. No vídeo, o chefe do Executivo destacou que tentar interferir na Justiça brasileira "é um grave atentado à soberania nacional" e que "ninguém está acima da lei".

"Minha indignação é ainda maior por saber que esse ataque ao Brasil tem o apoio de alguns políticos brasileiros. São verdadeiros traidores da pátria. Apostam no quanto pior, melhor. Não se importam com a economia do país e os danos causados ao nosso povo. Minhas amigas e meus amigos, a defesa da nossa soberania também se aplica à atuação das plataformas digitais estrangeiras no Brasil. Para operar no nosso país, todas as empresas nacionais e estrangeiras são obrigadas a cumprir as regras", diz Lula.

O presidente também defendeu que é necessário "proteger as famílias brasileiras de indivíduos e organizações que se utilizam das redes digitais para promover golpes e fraudes, cometer crime de racismo, incentivar a violência contra as mulheres e atacar a democracia, além de alimentar o ódio, violência e bullying entre crianças e adolescentes". Lula ainda ressaltou que alguns casos levaram pessoas

à morte, e a desacreditar das vacinas, trazendo de volta doenças há muito tempo erradicadas.

Chantagem

Na gravação original, Lula ressaltou que o Brasil sempre esteve aberto ao diálogo e tenta negociar com os Estados Unidos desde maio, quando o governo Donald Trump impôs uma tarifa de 10% aos produtos brasileiros. O presidente classificou de "chantagem" o uso de informações econômicas falsas para justificar as ameaças do governo estadunidense.

"Fizemos mais de 10 reuniões com o governo dos Estados Unidos, e encaminhamos, em 16 de maio, uma proposta de negociação. Esperávamos uma resposta, e o que veio foi uma chantagem inaceitável, em forma de ameaças às instituições brasileiras, e com informações falsas sobre o comércio entre o Brasil e os Estados Unidos", declarou.

A tensão entre Brasil e Estados Unidos começou em 9 de julho, quando Trump anunciou tarifas de 50% sobre os produtos brasileiros, e as justificou por uma suposta "caça às bruxas" no Brasil contra o ex-Bolsonaro, que será julgado no Supremo Tribunal Federal por golpe de Estado. Desde então, o governo federal iniciou uma campanha nas redes sociais, com o lema: "Soberania nacional". (Com Agência Brasil)